



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

X

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na solenidade comemorativa do 60º aniversário da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais.

Belo Horizonte, MG, 12 de fevereiro de 1993.

Sou grato ao Governador Hélio Garcia por haver as-  
sentido em que a minha primeira visita oficial a Minas, co-  
mo Presidente da República, e a seu convite, coincidis-  
se com o aniversário da casa dos industriais mineiros. Sinto-  
me entre amigos, alguns deles mais chegados e mais anti-  
gos, como o Presidente José Alencar, em cuja afeição e in-  
teligência tenho encontrado, ao longo da via pública, o  
ânimo nas horas difíceis.

Se tivéssemos que escolher mais um estandarte para  
Minas, nele deveríamos inscrever lema que resumisse a sua  
essência civilizatória: liberdade para saber e fazer. Os que  
não conhecem a nossa intimidade costumam atribuir à as-  
túcia o que pertence à modéstia. À avareza o que é da  
prudência. Não entendem que os mineiros fazem menos  
para ter, e fazem muito mais para ser.

No nosso século do ouro, estas montanhas seleciona-  
ram os que deviam ficar e devolveram à Europa os que  
eram dispensáveis. Foi com a semente dos mais bravos,  
mais atrevidos, mas honrados, que brotaram os grandes  
truncos mineiros. Assim, cresceram as famílias que iriam  
construir nossa peculiar sociedade. Havia os que se entre-  
gavam à fé, os que se dedicavam ao serviço público, e os

que reuniam os últimos cabedais, para investi-los na indústria.

Deu-me o destino o privilégio de conhecer, desde menino, a saga de alguns deles, como Bernardo Mascarenhas e Mariano Procópio. Eles transformaram Juiz de Fora, ainda no século 19, em uma das cidades mais industrializadas no continente. Eles tinham a ousadia de saber e fazer. Abrimos a estrada carroçável para o Rio de Janeiro, com o nome significativo de «União e Indústria». Construimos a primeira usina hidrelétrica da América Latina, e continuamos, sem pausas, no trabalho criador.

Acusam-nos de ter espírito chauvinista. É uma infâmia que os fatos desmentem. Sempre recebemos muito bem os que vieram antes e os que têm vindo recentemente, compartilhar conosco dos riscos e dos êxitos. O que Minas não aceita, e não admite que o Brasil aceite, são as empresas de rapina, as incursões de bucaneiros, as feitorias coloniais.

Entre outros, os que resistiram à espoliação dos nossos bens, estavam os mineiros Arthur Bernardes e Clodomiro de Oliveira. Eles nos anteciparam na defesa dos interesses da Pátria e na afirmação da consciência nacional no nosso povo.

Senhores Industriais,

De nada nos valem os exemplos do passado, se com eles não soubermos administrar o presente e alicerçar o futuro. Estamos em um tempo exigidor. Cometemos, nas últimas décadas, indesculpável equívoco: o de que poderíamos fazer o País moderno apenas com máquinas e métodos. O homem, em qualquer tempo e em qualquer sociedade, é o mais importante e insubstituível fator de produção. O processo educativo não faz apenas a mão-de-obra

que produz, mas também o mercado a que se destina a produção.

Conheço os esforços dos empresários em formar mão-de-obra especializada. Temos, no SENAI, exemplo pioneiro na América Latina. Ao falar em SENAI, quero lembrar os nomes de Roberto Simonsen e Américo René Gianetti. O paulista e o líder mineiro tiveram a visão correta de que a empresa não pode ser arena em que se confrontem o trabalho e o capital. A empresa, na visão patriótica destes grandes homens, mais do que nunca atual nesta hora brasileira, é a comunhão do risco da inteligência e do trabalho.

O primeiro de nossos deveres é o de dar a dignidade do conhecimento a todos os brasileiros. Não se trata de filantropia, mas de imperativo da soberania nacional. Só assim teremos mercado interno.

O País sabe o que o Governo recebeu como herança e descalabro! Vejo com surpresa beneficiários da destruição do Estado pregar sonegação fiscal.

O Congresso não alteraria os critérios tributários se a Nação houvesse sido administrada com probidade e com justiça. Pregam a sonegação os que impatrioticamente negam-se a contribuir na luta pela restauração da justiça e da honra.

A memória do alferes de Minas não admite a perfídia e a mentira histórica de que a Inconfidência foi movimento contra os impostos. Tiradentes e seus companheiros lutaram pela liberdade. Não foram sonegadores.

Outra é a preocupação dos que não cumprem hoje os deveres da cidadania. Pouco lhes importa se a injustiça esgarça o tecido social. Pouco lhes importa se, como advertiu Afonso Arinos, já temos hoje uma guerra civil não declarada nas ruas das grandes cidades.

O que importa a alguns é apenas o lucro, ampliado na sonegação. Estes maus brasileiros querem a vida descuidada, os juros altos, a ciranda financeira, como se estes fossem os últimos dias.

Congratulo-me com os que construíram esta Casa e a mantiveram durante estes sessenta anos. Estes anos coincidiram com profundas alterações econômicas e sociais em nosso País, e foram, por isso mesmo, agitados e difíceis. Tivemos a revolução que inaugurou a época, insurreições malogradas, regimes ditatoriais e períodos de grande realização, como foi o do mandato presidencial de Juscelino Kubitschek. Em todos estes turbulentos anos, a Federação das Indústrias se manteve como uma das sedes da razão e da prudência de Minas, mas, da mesma forma, da coragem, da resistência e da ousadia dos mineiros. Presidente José Alencar: abraço, no velho amigo, todos os que construíram e fizeram crescer esta Casa, e todos os que nela, congregados, preservam o velho espírito de Minas, o de fazer para ser, e o de ter para compartilhar.

Muito obrigado.